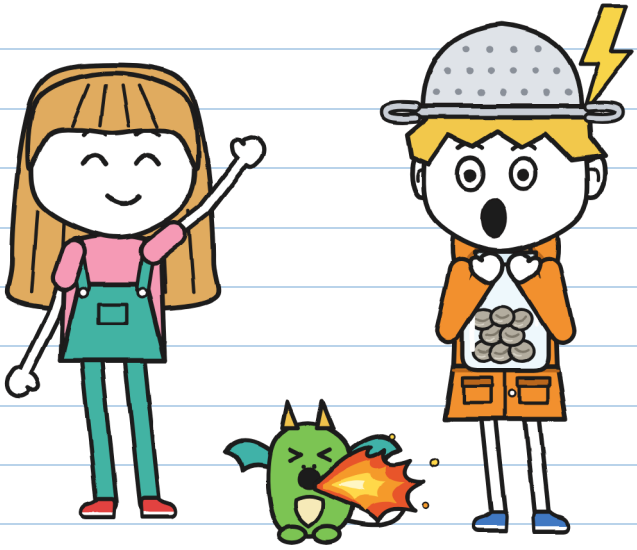
ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 2

Não abrir antes do trovão

Lui Eriksson



(o caderno do Guto)

TAMANHO M
Nível intermediário · 9+

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 2

Não abrir antes do trovão

Texto e ilustrações: Lui Eriksson

TAMANHO M · Nível intermediário · 9+

Versão em português: LinguAula

Primeira edição: 2026

© 2026 Lui Eriksson · info@linguaula.com

Pode ser fotocopiado livremente, para a sala de aula e para casa.

Segundo livro da série. O primeiro: "Este pacote morde".

LinguAula

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

Nenhum trovão foi ferido durante a escrita deste livro. —].



E de mais ninguém. –J.

Se você encontrar, não abra antes do trovão.

SÓ NA HISTÓRIA

Este carimbo marca o que só acontece na história: não faça isso. Se durar várias páginas, diz DESDE AQUI e ATÉ AQUI. Com tempestade de verdade, vale a página 76. –J.

QUEM É QUEM



Guto. Entregador dos sábados. Caçador de tempestades (mais ou menos). Este caderno é dele.



Júlia. Conta os segundos entre o relâmpago e o trovão. Escreve em verde e assina J.



Migalha. Filhote de dragão. Imita o Guto em tudo. Tudo.



Toninho. Entrega para a RAIO, de bicicleta. Em dez minutos ou de graça.



Flora. Cuida das plantas na Rua do Canal, 9. Não assina pedras.



Vera. Cuida de dragões na Casa dos Dragões, ao lado da casa da Flora. A Migalha mora com ela.



Mara. A dona da Entregas Impossíveis. Usa chapéu de bruxa. Sabe mais do que diz.

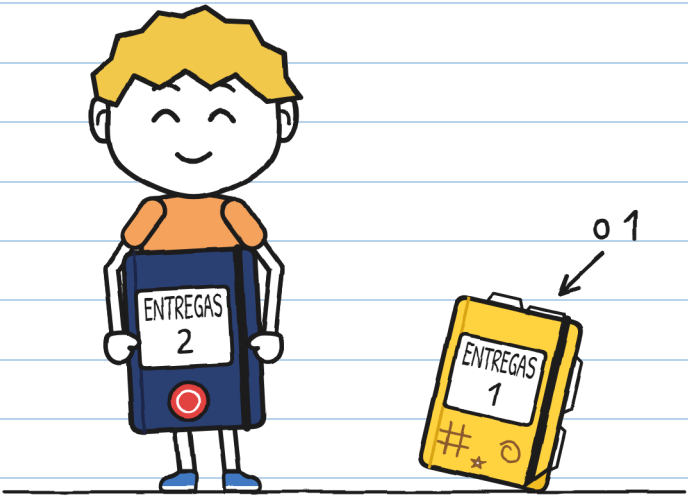


R. Manda os pacotes que ninguém consegue entregar. Ninguém diz o nome de R.

CADERNO DE ENTREGAS 2
do Guto

OFICIAL.

"Oficial" quer dizer que eu leio primeiro. Oficialmente. –].



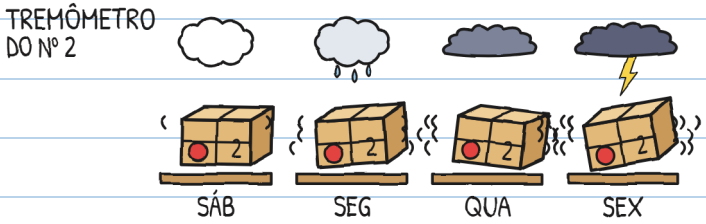
O caderno 1 acabou: está cheio. Quem me deu este foi a Mara, a dona da loja, com o carimbo dela na capa. Ela diz que caderno oficial não é para rabiscar. Vamos ver.

CAPÍTULO 1

Caçador de tempestades

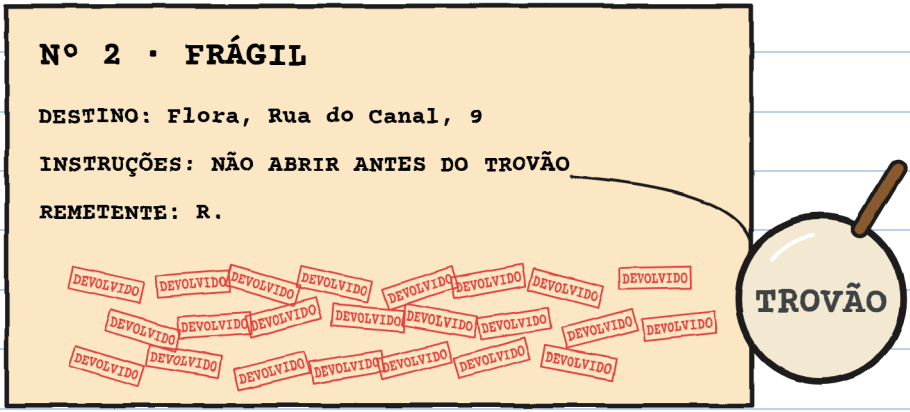
Na loja da Mara tem um pacote que treme. Desde o sábado passado, a cada dia um pouco mais.
Não vou tocar nele.
O último que Júlia e eu entregamos era um ovo. Agora é a Migalha, um filhote de dragão que me imita em tudo.

Na loja em frente à minha casa, restam dezenove devolvidos. O que treme está com mais pressa que os outros.



Não treme de medo: vem uma tempestade no sábado, às seis da tarde. Já olhei seis vezes na previsão do tempo. –].

Quem recebe um devolvido tem que assinar a etiqueta com tinta que não apaga, como a da canetinha verde da Júlia. Se não assinar, ao amanhecer ele volta voando para a estante. A mesma pessoa manda todos: R.



O nº 2 tinha vinte e três carimbos de DEVOLVIDO.

Vinte e três. Contei duas vezes. –J.

– Eu mesma levei esse pacote vinte e três vezes – disse Mara. – E nenhuma com tempestade.

No sábado, às dez, Mara nos esperava no balcão com o nº 2. Toninho estava lá: aos sábados nós três ficamos de castigo na loja, por termos entregado o nº 1 sem permissão.

— Este — disse Mara — vocês entregam. Hoje à tarde.



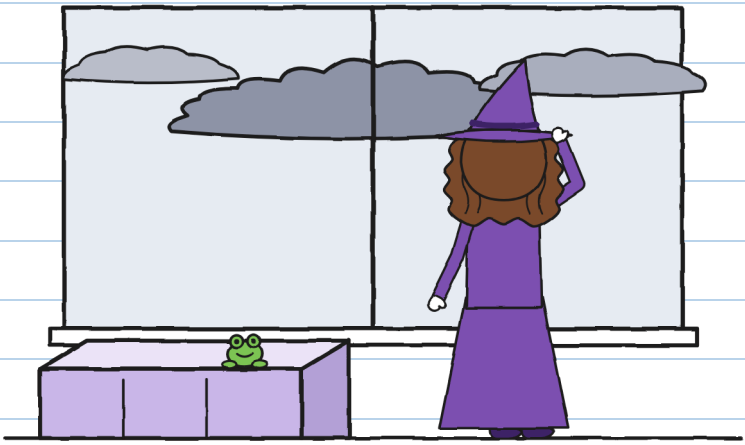
Júlia pulou tanto que quase tocou o cartaz de RESTAM 19.

Mara impôs três condições e as contou nos dedos:

1. Vocês saem às cinco, antes da tempestade, e ficam com a Flora até ela passar.
2. As famílias de vocês e a Flora já sabem.
3. A regra é a da etiqueta: não abrir antes do trovão. E vale o que estoura em cima, não os de longe.

— E você não vem? — perguntou Júlia.

— Tenho coisas para fazer aqui — disse Mara, e olhou pela vitrine: o céu ia ficando cinza.



Que coisas? —J.

Júlia olhou para mim.

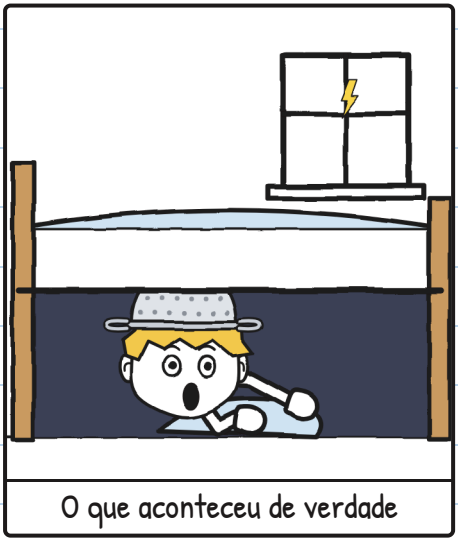
— E você, gosta de tempestades?

E eu disse o que se diz quando olham assim:

— Adoro. No bairro antigo, eu era caçador de tempestades profissional.



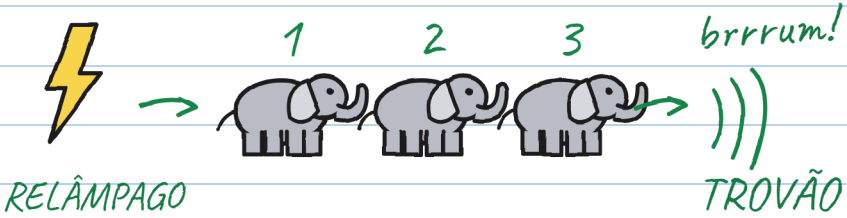
O que eu disse



O que aconteceu de verdade

Profissional de debaixo da cama. —].

Júlia me ensinou a contar tempestades no meu caderno, sem permissão, como sempre:



um elefante, dois elefantes, três elefantes...

1 elefante = 1 segundo

3 elefantes = 1 quilômetro (mais ou menos)

0 elefantes = EM CIMA!

↖ Esse é o trovão da etiqueta.
Os de longe não abrem o pacote.

Mais elefantes: esse raio caiu mais longe.

Se ouvir um trovão, mesmo longe: procure abrigo!

O que a gente sabe dá menos medo. –].

Eu não precisava contar: eu adoro tempestades. Mas anotei, por via das dúvidas.

Toninho leu a etiqueta por cima do meu ombro.
— A RAIO não entrega com tempestade.
Apontou a letra miúda da mochila.
— Ainda não tem tempestade — disse Júlia.
Toninho leu de novo. De "ainda" não dizia nada.

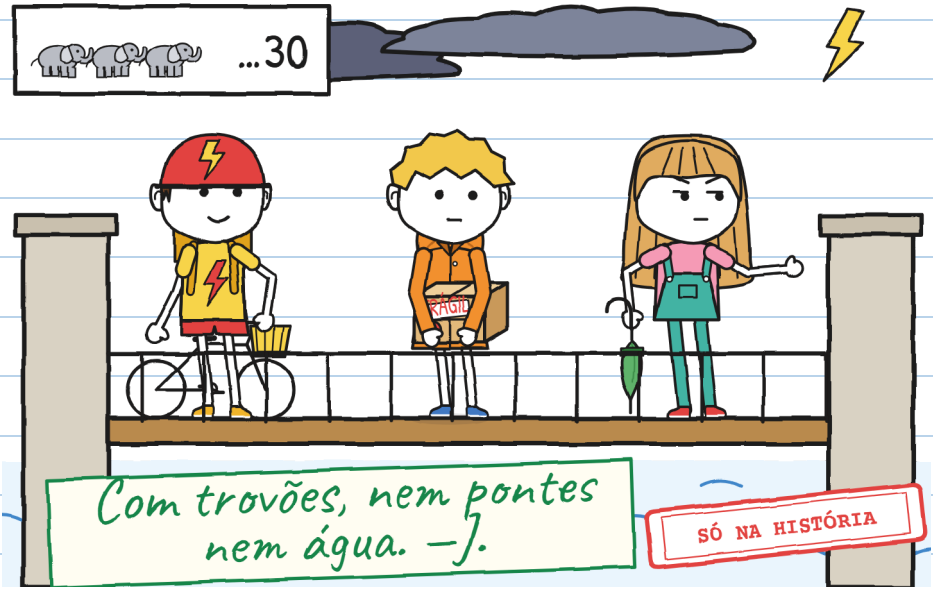


A letra miúda era miúda demais. —J.

E foi com a gente.
Às cinco, fui em casa buscar a capa de chuva.
— Coloca a capa laranja — disse minha mãe. — Tem certeza de que quer ir? Se você, quando troveja...
— TCHAU, MÃE!

"Se você, quando troveja..." O QUÊ? —J.

Atravessamos a Ponte Grande com o céu já muito preto. De noite ela levanta para os barcos. No meio, Júlia cumprimentou a água com a mão, muito séria: o canal e ela não se dão bem.



Muito longe o céu se acendeu. Júlia contou trinta elefantes até o trovão.

Brrrum.

— Uns dez quilômetros até esse raio — disse. — Pela previsão, a tempestade chega às seis.

— Foi um trovão! — disse Toninho. — Já abrimos?

— Esse não abre o pacote — disse Júlia. — O da etiqueta é o que soa junto com o relâmpago, zero elefantes. Mas já se ouve, e isso basta: procurem abrigo!
Corremos até a Rua do Canal. Eu me fiz de surdo.

— Isso foi um hic? — perguntou Júlia.
— Não — eu disse. — Hic!



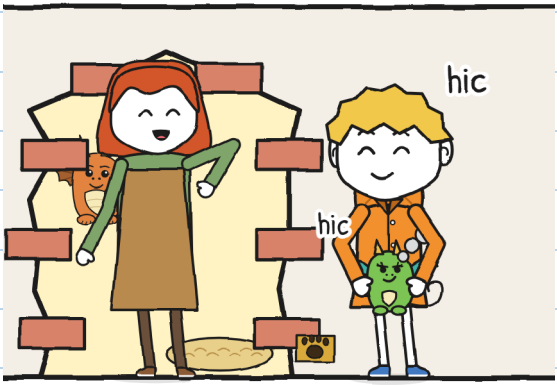
Isso acontece comigo desde pequeno, mas só com trovão: a cada trovão, uma série de soluços, um a cada três segundos. Com a tempestade em cima eu não paro. Não é medo: meu corpo faz isso sem me perguntar.

Isso se chama medo. —J.

Vera, a que cuida dos dragões, nos esperava na porta dela, colada à da Flora, com a Migalha nos braços: aos sábados, a Migalha passeia comigo.

— Hoje, só até a casa da Flora: é a primeira tempestade dela — disse Vera, e me passou a pequena. — Ela imita tudo o que você faz, também o que você sente. Se ela se assustar, não puxe: ela se agarra. Passada a tempestade, três batidas no muro e eu venho buscar.

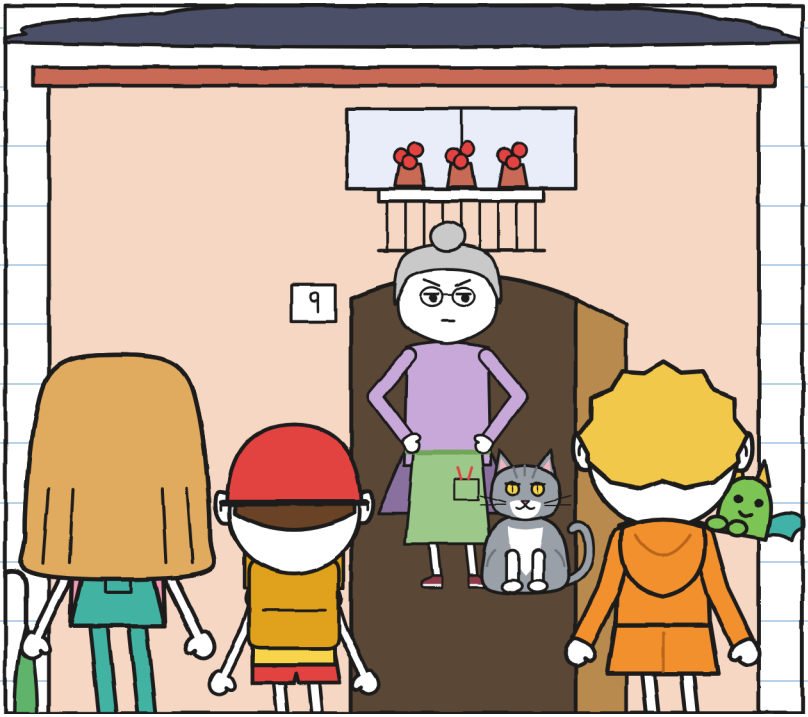
— Eu não sinto nada — eu disse. — Eu adoro tempestades.



Longe, trovejou. Eu fiz hic. A Migalha fez hic e soltou fumaça pelo nariz.

— Para dentro, já — disse Vera.

A casa da Flora é a dos gerânios: há dois sábados, ela nos observava da varanda, quando a gente procurava a porta da Casa dos Dragões, que parece uma parede.



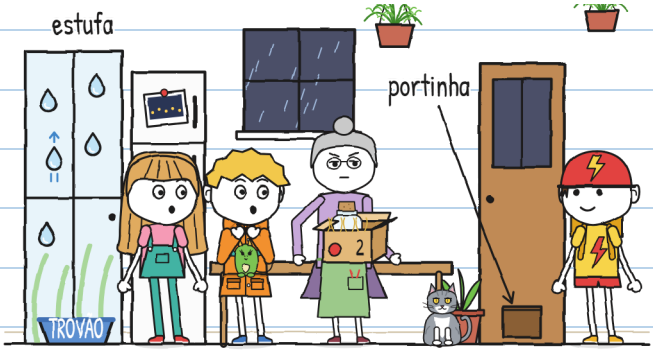
Flora abriu antes que a gente batesse e olhou a caixa, o céu e a Migalha.

— A pequena da Vera. Que não chamusque as minhas samambaias — disse. — Entrem, que vem chuva. E já aviso: eu não assino pedras.

CAPÍTULO 2

Trovão!

A cozinha da Flora está cheia de plantas, até no teto. Ao fundo, uma porta de vidro dá para a estufa; a dos fundos, com portinha de gato, para o quintal. Toninho pôs a bicicleta no corredor, por causa da chuva.
Na porta de vidro havia umas gotas pintadas. Uma começou a subir pelo vidro.

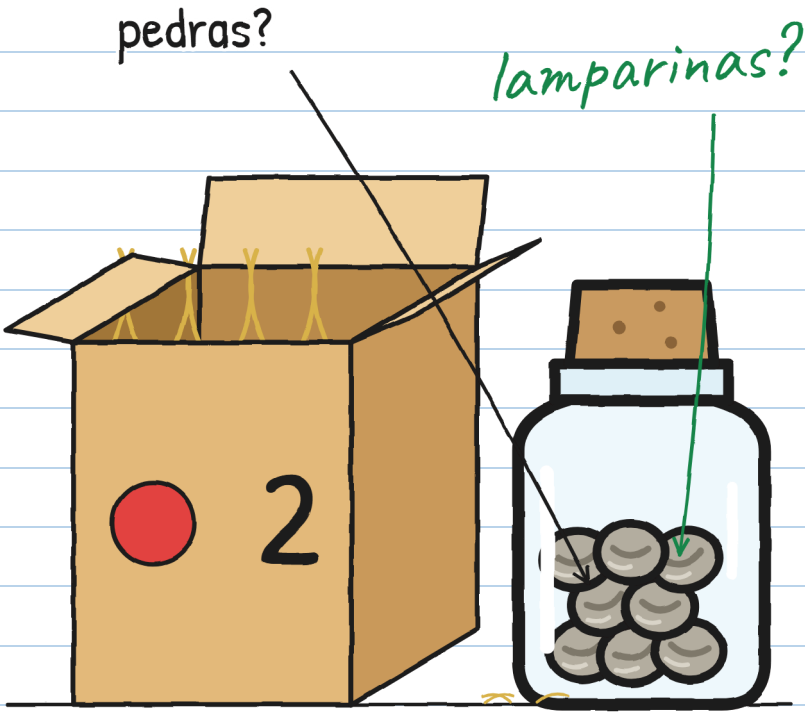


— São vidros encantados de R. — disse Flora. — Deixam passar a chuva quando eu quero. Os raios, nunca.
A gota continuou subindo. Decidi não perguntar aonde ela ia.

Flora pôs a caixa na mesa e a abriu sem perguntar: dentro havia palha e um frasco de vidro com oito bolinhas cinza.

— Diz que não se abre antes do trovão! — gritou Júlia.

— Abri a caixa, não o frasco — disse Flora. — Sei o que tem: R. me prometeu lamparinas e me manda pedras.



— O que é uma lamparina? — eu disse.

Flora descolou da geladeira uma foto antiga: o calçadão do canal, de noite, com luzinhas na margem.



— São plantas — explicou Flora. — Guardam a luz dos relâmpagos e iluminam a noite toda.
— R. é que plantava?
— Trazia as sementes acordadas. Eu punha a terra. Nunca vi nenhuma dormindo.
— E as lamparinas?
— Apagaram. R. parou de vir. E agora manda isto.

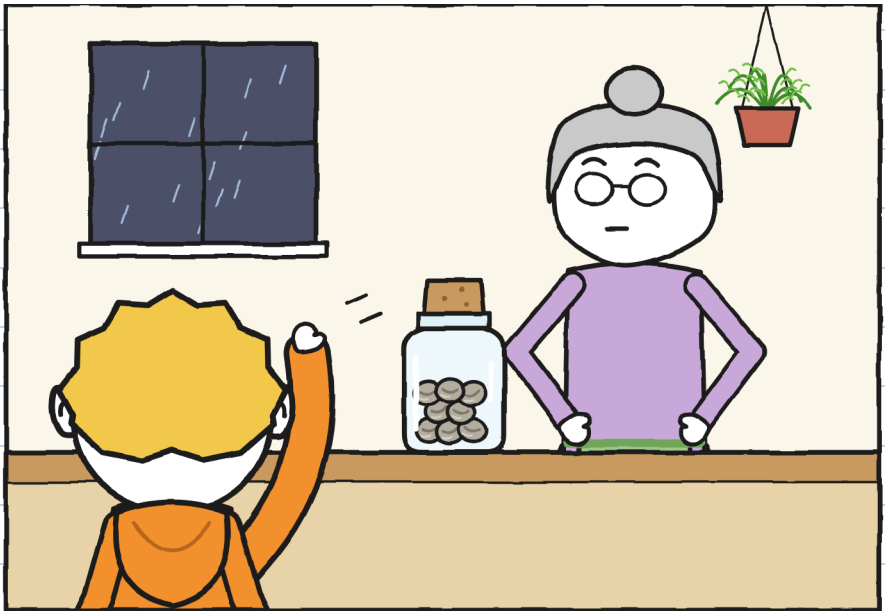
Por isso, de noite, o canal é escuro e a passarela, a tábua que o atravessa, dá tanto medo.

Dava. A mim, muito: atravessei no escuro. —J.

— R. sempre cumpre — disse Flora. — Tarde, mas cumpre. Com isto, não: vinte e três vezes me trouxeram este frasco e vinte e três vezes, pedras.

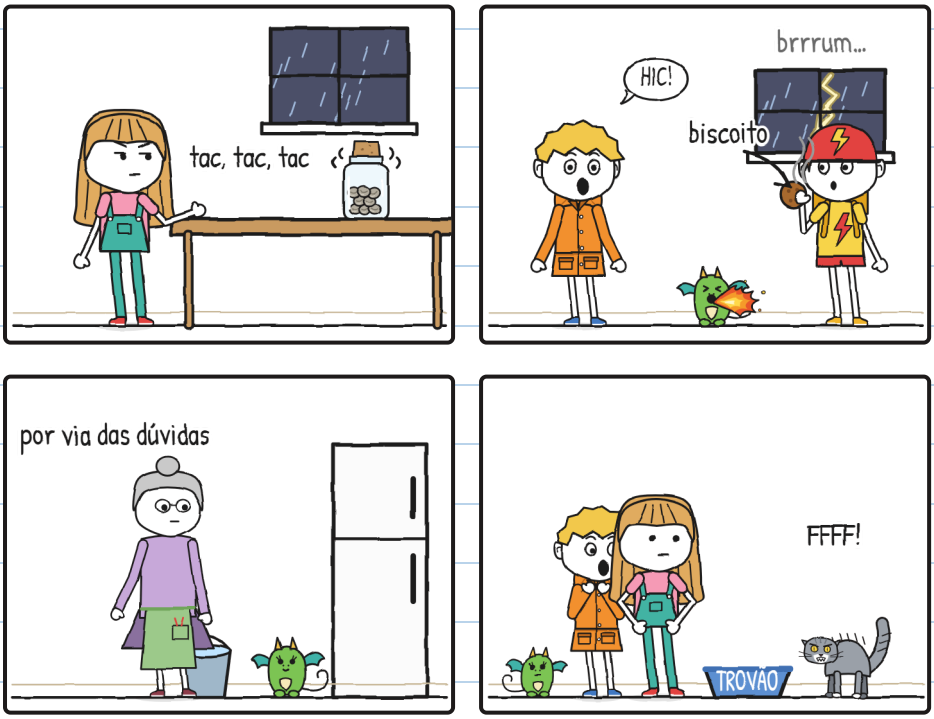
Pensei na etiqueta. Eu sabia de cor.
— E a senhora alguma vez esperou o trovão para abrir? — perguntei.

Flora me olhou como se eu perguntasse se água molha.
— Eu não espero ninguém — disse. — Nem um trovão.



O gato da Flora se chama Trovão (o nome está escrito na tigela dele), é cinza e ronrona como um trovão de verdade.

Enquanto esperávamos, na cozinha aconteceu de tudo e não aconteceu nada:



O pior de um trovão é esperar por ele. –].

O frasco tilintava cada vez mais forte. Júlia contava baixinho: "Doze elefantes". "Nove".
O pé dela pulava debaixo da mesa.

— Você vai fazer um buraco no chão — eu disse.
— Estou contando.
— Então o seu pé conta mais rápido que você.
Então a Migalha soltou outra chaminha, e o Trovão saiu disparado pela portinha de gato, para o quintal. Flora abriu a porta dos fundos e o chamou aos gritos:
— TROVÃÃÃO!



E a Júlia abriu o frasco.



— Foi um trovão! — disse.

Não tinha sido um trovão. Tinha sido a Flora gritando. Trovão é o gato.

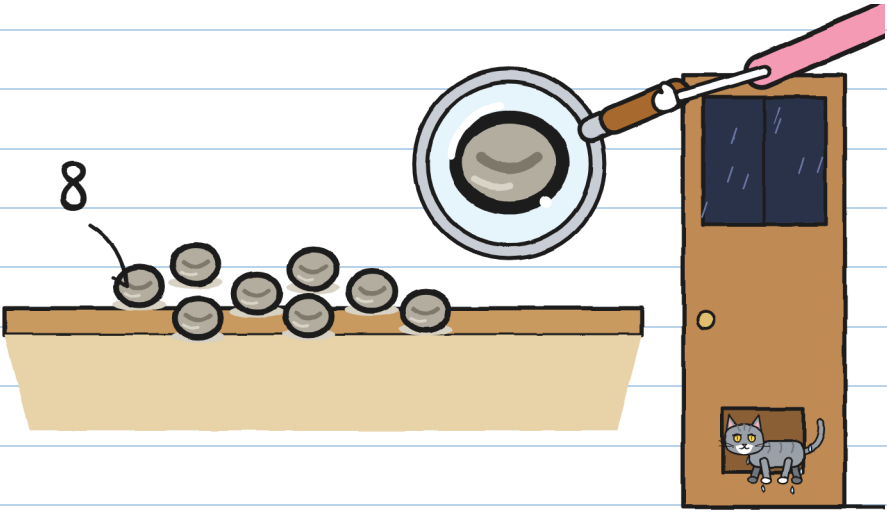
Eu ouvi "TROVÃO!", exatamente o que eu esperava. Ninguém me disse que era um gato. —J.

Anotei isso na página 17.

Essa página eu li depois. —J.

Depois de aberto, o frasco parou de tilintar. Dentro havia oito bolinhas cinza, frias e quietas. Júlia as despejou na mesa e olhou com a lupa.

— Têm um risquinho — disse. — Como um olho fechado.



O Trovão voltou encharcado pela portinha de gato, e Flora fechou a porta.

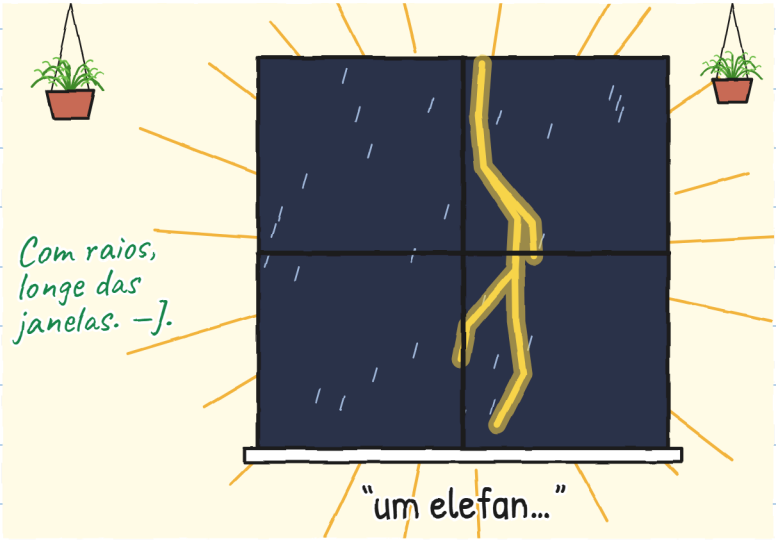
— Pedras. Como sempre — disse, e olhou para a Júlia.

Júlia ficou da cor da camiseta dela.

— Estão dormindo — eu disse. — São sementes, não pedras, e por isso está escrito "não abrir antes do trovão". Vai ver um trovão bem forte as acorda, um que faça os vidros tremerem.

Flora ficou calada um tempo.
— Se são sementes, que provem.

Lá fora era quase noite, e eram só seis horas.
Relâmpago. Júlia começou a contar:



E então chegou o de verdade.



O trovão chegou com o relâmpago: a tempestade estava em cima. Tremeram mesa, copos e vidros.

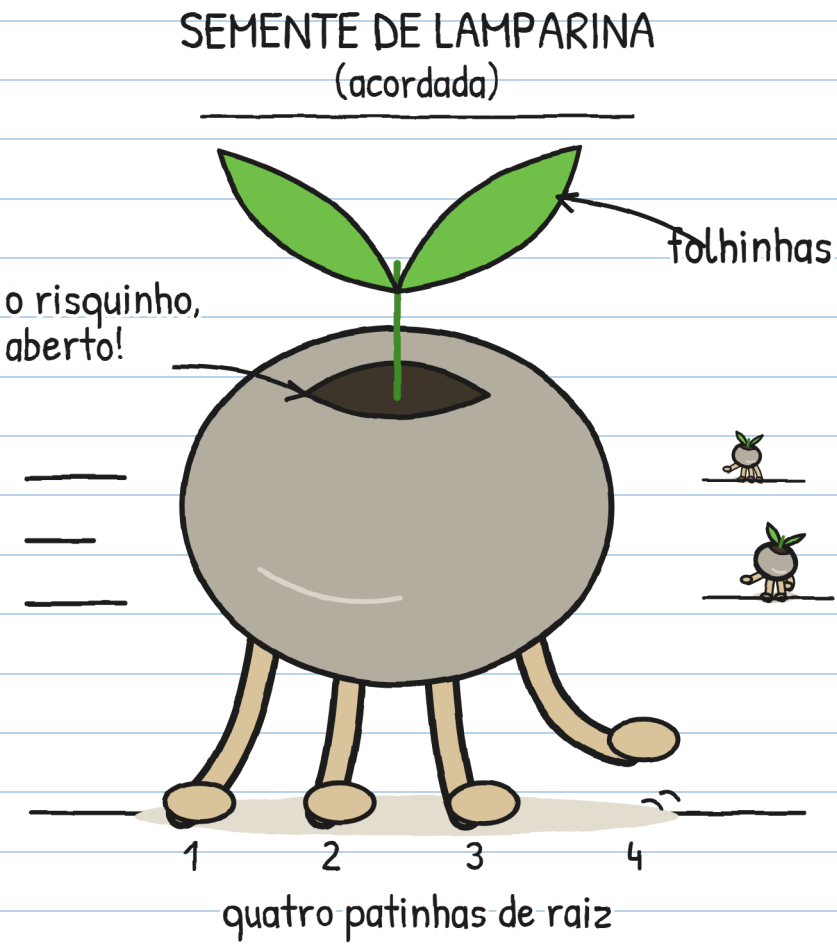
E a luz acabou.



Fiz hic. A Migalha fez hic, e a labareda dela iluminou a cozinha por um segundo.

A mesa estava vazia.





As pedras tinham patas.

E pressa. –].

CAPÍTULO 3

Se mexem se você não olha

No escuro, parecia chuva miudinha: tic, tic, tic. No relâmpago seguinte, as sementes estavam mais longe, e quietas, bem quietas, como quem não quer nada.

Elas corriam rápido, mas cada relâmpago as parava, e havia muitos. Eu as via de baixo da mesa. Tinha posto o escorredor de macarrão da Flora: em casa, quando troveja, eu ponho um.



É batatinha frita, 1, 2, 3. Com sementes. —J.

Flora apontou a lanterna para uma semente, que ficou quieta. Apontou para outra e a primeira saiu correndo.

— São sementes! Estão acordadas! — gritou Flora.



A segunda escapou assim que Flora tirou a luz.

— Precisamos de outra lanterna — eu disse.

— Então pensa em outra coisa. Só tenho esta.

Oito sementes e uma lanterna. A conta não fechava.

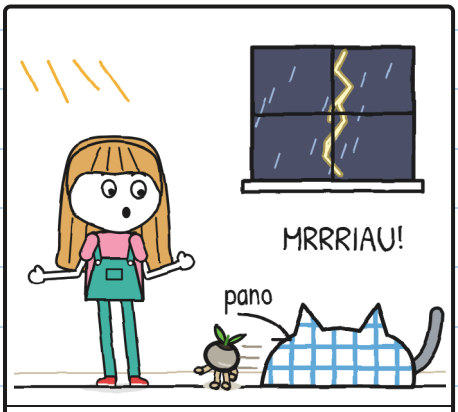
Todas iam para a portinha.

— Elas procuram terra molhada de tempestade — disse Flora, e pôs na frente um vaso enorme. — Aqui só tem terra regada com água da torneira. E lá fora quase não tem: lajotas, um caminhozinho e o canal. Se saírem, a chuva as leva para a água.

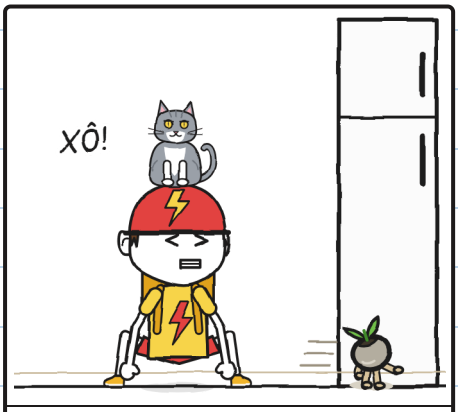


A portinha ficou tapada, mas agora elas estavam por toda a cozinha, que tem cem esconderijos.

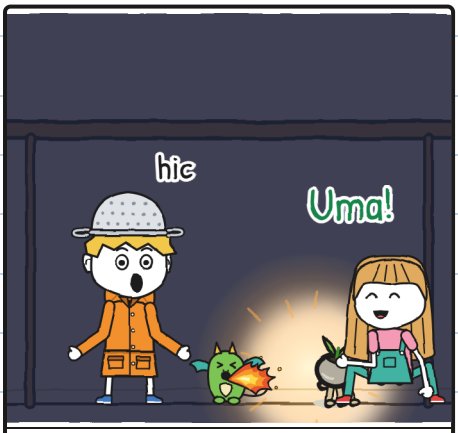
Tentamos de tudo:



Júlia, com um pano: pegou o Trovão.



Toninho, com as mãos: o Trovão pegou ele.



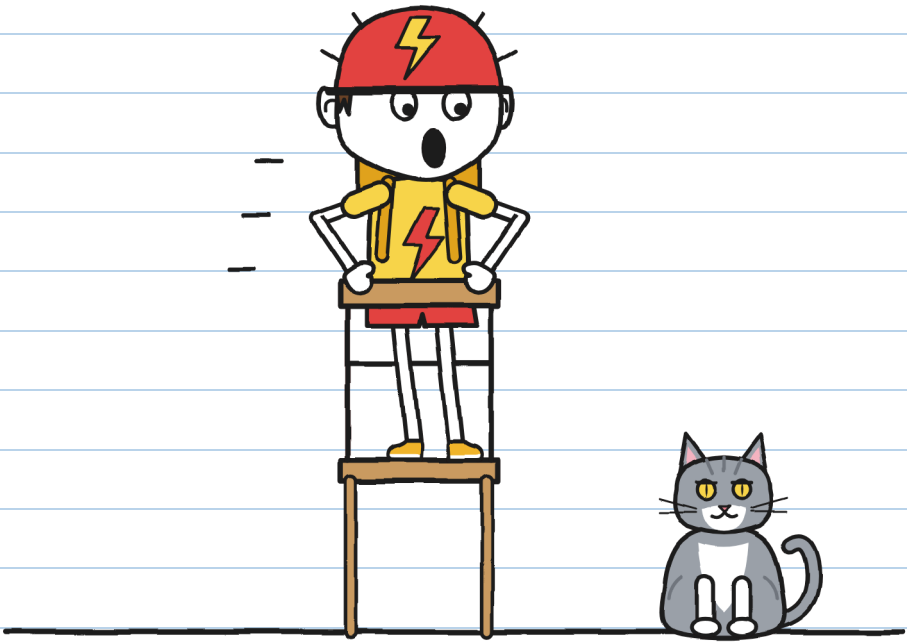
Migalha, com a chama: uma!



Flora, com a lanterna: duas!

O Trovão também as perseguia: ele enxerga bem quase no escuro; nós, não.

Toninho não tem medo de tempestade. Toninho tem medo de gato.



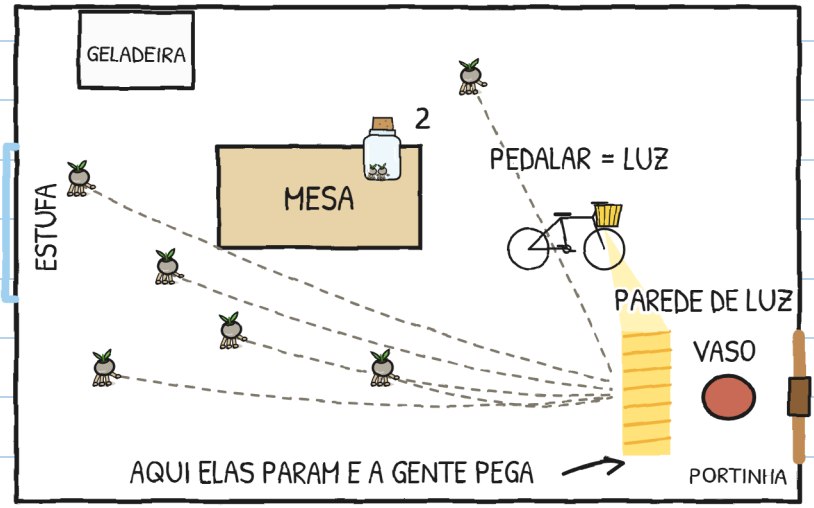
— Não é um gato! — disse Júlia. — É o Trovão!

— PIOR!

Dois sustos e um nome só. —].

Eu continuava debaixo da mesa, com o escorredor na cabeça. De lá eu via o chão todo toda vez que relampejava.

As sementes se espalhavam, mas acabavam voltando para a portinha. Para empurrar o mesmo vaso.



Fiz um mapa.

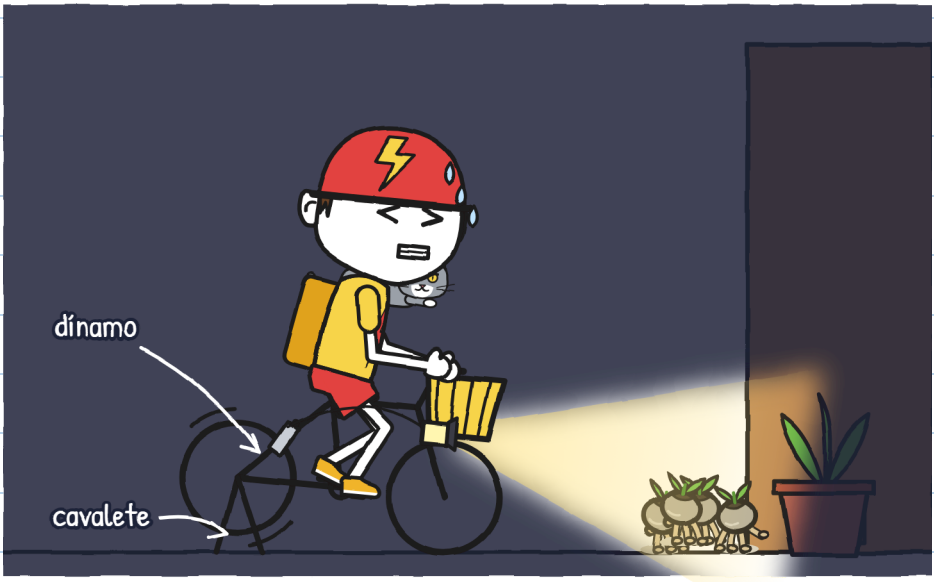
— Toninho, seu farol acende quando você pedala?

— Claro.

— Então hoje você vai entregar luz.

Colocamos a bicicleta no cavalete, com o farol virado para a portinha. O dínamo da RAIO fica na roda de trás: se ela gira, tem luz. E Toninho pedalou.

Pedalou como nunca, principalmente quando o Trovão subiu em cima dele.



Enfim, a RAIO serve para algo. –J.

As sementes chegavam à luz, paravam, e nós as pegávamos uma a uma para pôr no frasco.
Três. Quatro.

O Trovão pegou outra com a boca e Flora a tirou dele com dois dedos.
— Cinco! — disse.



Seis.

Flora tampou o frasco para nenhuma escapar e se abaixou para nos ajudar. Então o Trovão pulou na mesa e derrubou o frasco.



Toninho pegou o frasco no ar.
— RAIO — disse. — Em um segundo ou de graça.

Mas ele já não pedalava, e a luz se apagou. E o Trovão ninguém segura: saiu disparado para a portinha.

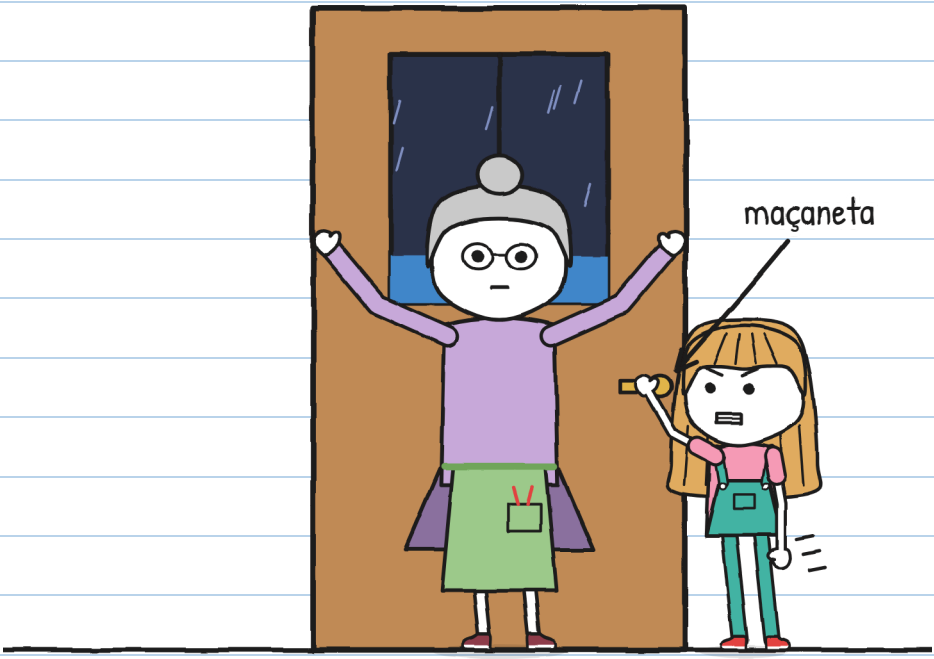
No escuro: tic, tic, tic. O Trovão empurrou o vaso, croc, e a portinha fez clac.

No relâmpago seguinte, só restava uma semente, e Júlia a pegou. Sete.



A oitava tinha saído pela portinha.

— Vou atrás dela! — disse Júlia, agarrada à maçaneta.
— Com raios ninguém sai — disse Flora, e se plantou na porta. Não estava para discussões.



Júlia não discutiu, mas não soltou a maçaneta.
Pouco depois, a portinha fez clac: era o Trovão, encharcado. Sem a oitava.

— Relâmpago... um elefante, dois elefantes.
Brrrum.
— Dois — contou Júlia. — Continua muito perto.

— Então vamos plantar — disse Flora —, antes que a tempestade vá embora. E no escuro.
— Na estufa? — perguntou Júlia.
Flora apontou as gotas que subiam pelo vidro.
— O encantamento continua valendo. Aqui não entram raios.



Repetiu "No escuro", olhando para a Migalha.

A Migalha olhou para mim. E fez hic.

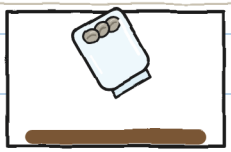
CAPÍTULO 4

Hic

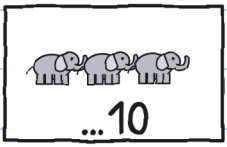
Flora nos explicou como se planta uma lamparina, do jeito que R. ensinou a ela. Anotei com letra oficial:

COMO SE PLANTA UMA LAMPARINA

1. 
Terra molhada de tempestade.
(A da torneira não vale.)

2. 
Abrir o frasco sobre a terra.
(Se abrir antes, elas fogem.)

3. 
Tudo no escuro: elas sozinhas se enfiam na terra.
(Se você enterrar, elas não brotam.)

4. 

Antes que a tempestade vá embora:
com mais de dez elefantes,
só se plantam na próxima.

Para acordar as sementes, zero elefantes. Para plantar, até dez. Com onze, de volta a dormir. —].

Flora girou a manivela da janela do teto. Ela não se abriu, mas as gotas pintadas começaram a descer e a chuva de verdade atravessou o vidro.

Caiu na bancada, uma mesa comprida cheia de terra.

— Tudo na bancada. Nem uma gota no chão — ordenou Flora à chuva.



Esses vidros só existem na história. Numa tempestade de verdade, nada de estufas (página 76). —].

— Terra molhada de tempestade — disse. — Agora, tudo no escuro.

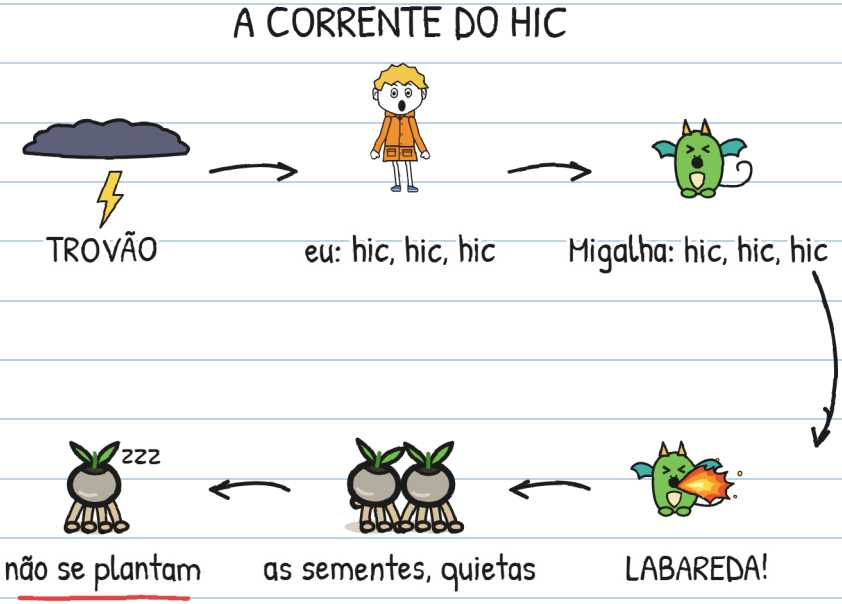
Mas a Migalha já estava lá dentro: tinha se enfiado entre os pés da Flora sem ninguém ver. Estava embaixo da bancada, entre os vasos.

Flora a puxou com cuidado. A Migalha se agarrou aos vasos com as quatro patas. Vera tinha avisado.



E a cada hic meu na cozinha, a Migalha se acendia na estufa.

Desenhei para entender:



Na cozinha, o hic ajudava: labareda, semente quieta, semente no frasco. Na estufa, não: com uma labareda a cada três segundos, nunca havia o tempo de escuridão que elas precisam para se plantar.

Tem que quebrar a corrente. O pedaço mais fácil de quebrar é você. Com carinho. –J.

Tentamos de tudo contra o soluço:



Segurar a respiração



Água ao contrário



Um susto



Açúcar

A Migalha imitou todos sem se soltar dos vasos.

Remédios: zero. Soluços: muitos. –J.

Júlia contou: "Quatro elefantes". "Cinco".
O trovão soou.
— Esse raio caiu mais longe.

As sete sementes davam voltas procurando a saída do frasco. Eu continuava fazendo hic.



— E se a gente chegar a onze? — perguntei.
— Pedras de novo.
Júlia parou de olhar o frasco e olhou para mim.

— A Migalha imita o seu medo — disse Júlia.
— Então que imite outra coisa — eu disse.
Fiz hic. Na estufa apareceu outra labareda.
— E se a gente a tirasse de lá? — perguntei.
— Ela se agarra. Você já viu.
Júlia baixou a voz.
— Primeiro, fica com ela.

Eu não tinha remédio para o medo, só um plano para ninguém notar, e ele já não funcionava:

Meu plano para ninguém notar
que eu tenho medo de trovão:

1. Dizer que eu adoro.
2. ~~Não fazer hic.~~ hic hic hic hic hic
3. ???

E o 3? —J.

Eu tentei. De verdade.



Um pé dentro.



Um trovão.



E de novo na cozinha.

A estufa é o lugar onde os trovões soam mais forte em todo o bairro.

Da porta, olhei para cima, pelo teto de vidro. Entre dois relâmpagos eu os vi, bem acima do telhado: os dragões da Vera, voando na tempestade. Eles saem para voar quando ninguém olha para cima. Por isso a Vera não tinha vindo com a gente: com tempestade, ela fica em casa, de olho neles.



Eles não faziam hic.

— Vamos, caçador — disse Toninho.

Esperei a piada que vinha depois. Não veio.

Tirei o escorredor e dei para a Flora. Ela o segurou como um capacete de verdade.



E entrei.

Um escorredor não detém um raio. O medo, às vezes. –].

A chuva soava como mil dedos no vidro. Entrei embaixo da bancada, e a Migalha estava lá, feita uma bola, tremendo como eu.



BRRRUM! Fiz hic. A Migalha fez hic. A labareda iluminou nós dois.

Éramos dois caçadores de tempestades embaixo de uma bancada.

Da porta, a Júlia falou baixinho, sem rir:



— Conta comigo.

CAPÍTULO 5

Conta comigo

Contamos: ela na porta, eu embaixo da bancada e a Migalha tremendo grudada em mim.

Relâmpago.

— Um elefante, dois elefantes, três, quatro, cinco, seis.

Brrrum.

— Seis: uns dois quilômetros — disse Júlia. — Esse raio caiu mais longe. Continuamos abrigados.



Eu tinha contado os seis elefantes. O medo continuava ali.
Dizer que eu adorava tempestades não tinha adiantado.
Apertar os dentes para não fazer hic também não.

A Migalha olhou para mim. Tentei o que faltava.

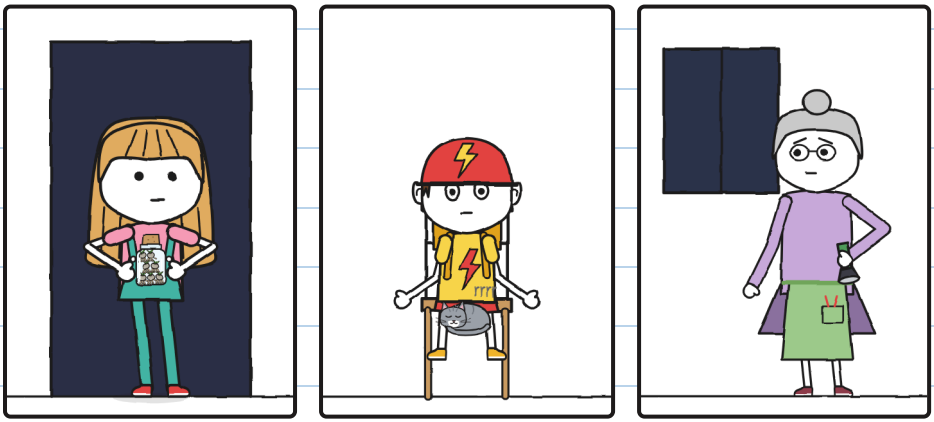


— Tenho medo de trovão.

— Eu sei — disse Júlia. — Você desenhou hoje de manhã, na página 6. Estava esperando você.

— Eu, de gato — disse Toninho, com o Trovão dormindo em cima dele e sem coragem de se mexer.

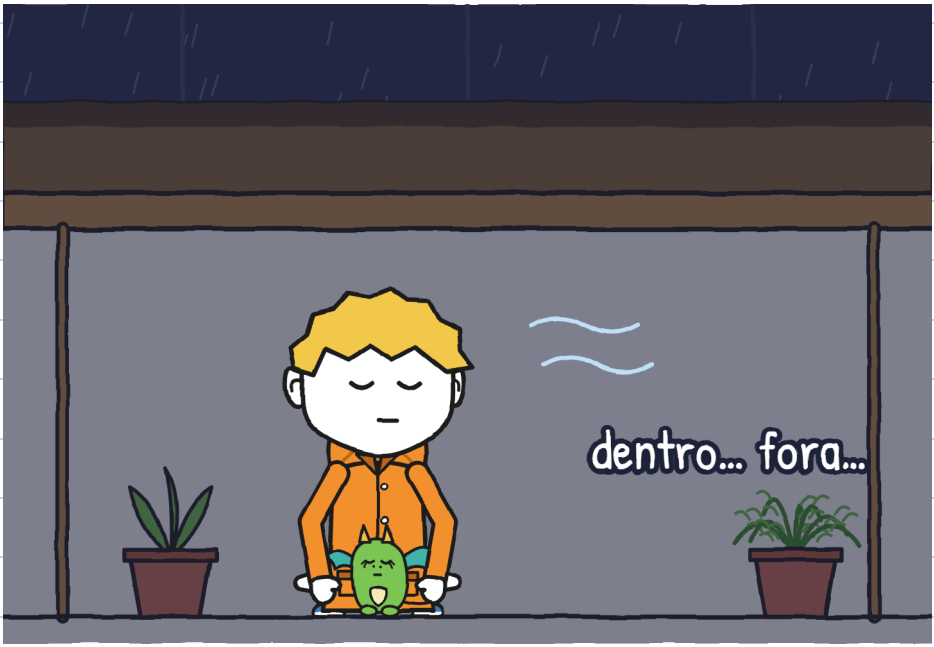
— E eu, de esperar o que não chega — disse Flora.
— Por isso, antes, eu abria o frasco quando chegava.



E eu, das passarelas. Isso vocês já sabiam. —J.

Ninguém riu. Chovia igual, mas embaixo da bancada eu já não estava sozinho.

Respirei devagar. A Migalha também.



Relâmpago. Contamos juntos até nove. Brrrum.

E não fiz hic, nem com esse trovão nem com o seguinte.

— Agora! — sussurrou Flora.

Júlia entrou na ponta dos pés, pôs o frasco na terra molhada e o abriu. Voltou à porta sem fazer barulho.

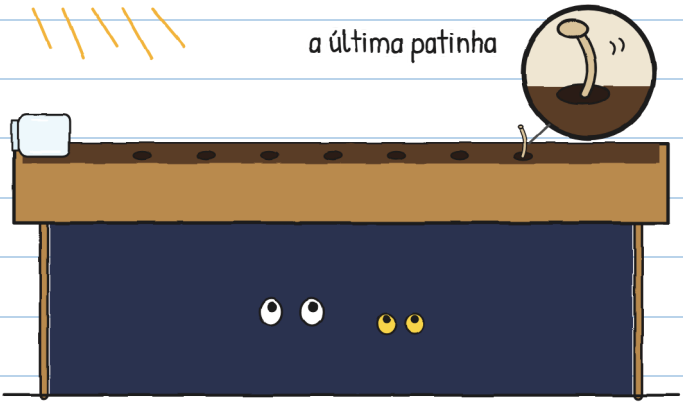


Tic, tic, tic. No escuro, algo saía do frasco.

Relâmpago, bem longe. Contamos sem voz até dez elefantes. Brrrum.

Dez: o último que valia.

No relâmpago seguinte, vimos:



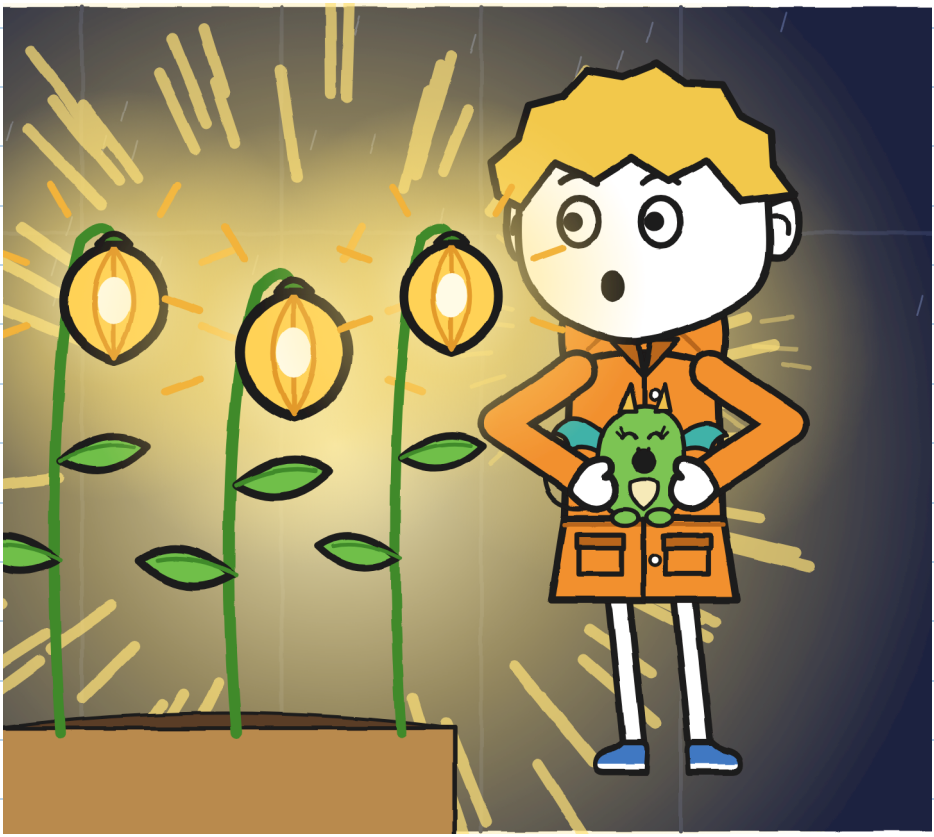
O frasco estava vazio. Na terra, sete buraquinhos, e no último ainda aparecia uma patinha.

Depois, um tempinho de nada: nós, no escuro, olhando a terra.

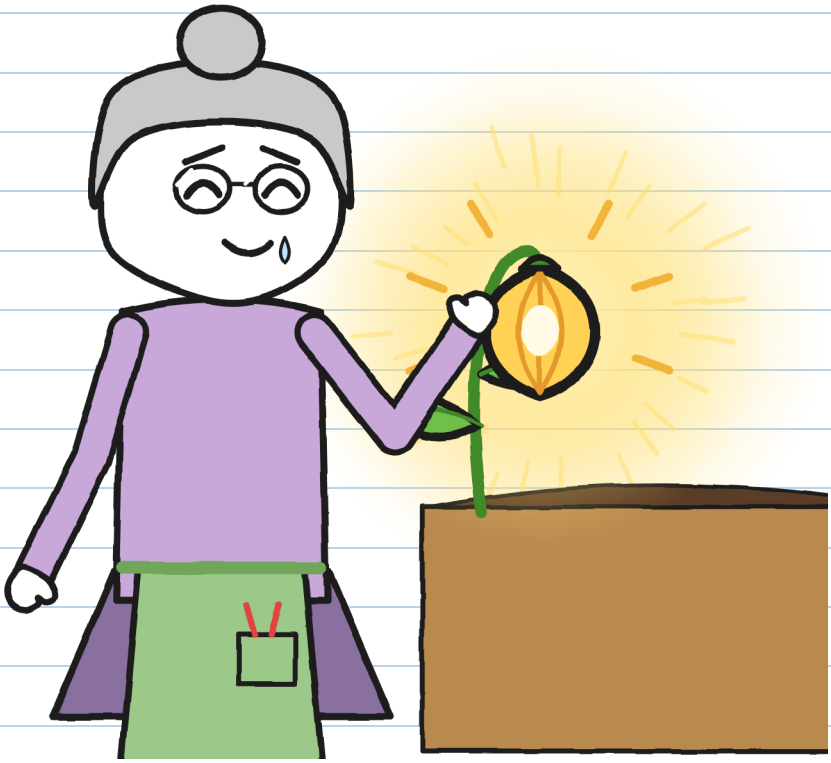
E então a primeira se acendeu.


Sete lamparinas, com um pedaço de relâmpago dentro.

A Migalha não fez hic. Olhava as lamparinas de boca aberta, igual a mim. Já não imitava o meu medo: imitava isto.



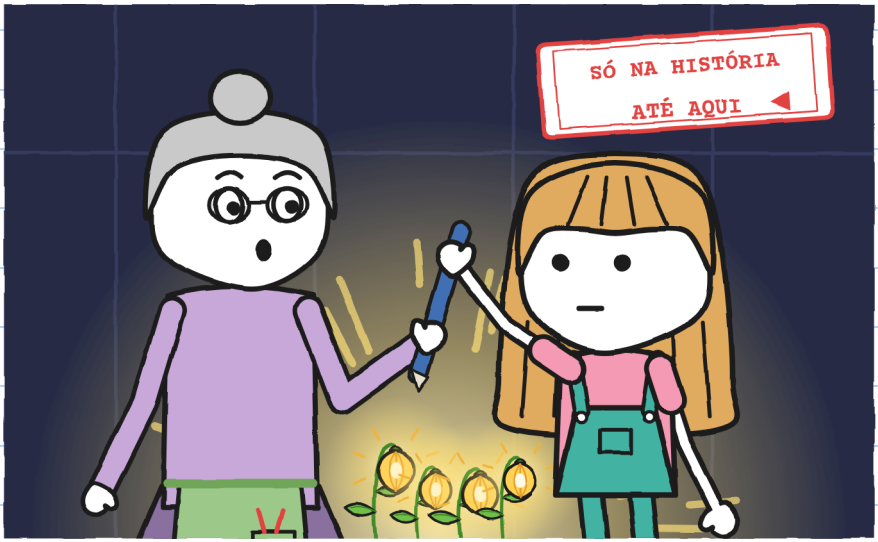
Flora ficou muito tempo sem dizer nada, e depois tocou numa lamparina com um dedo, devagar, como quem toca algo que esperou muito tempo.
— Assim era o calçadão — disse.



Eu também toquei numa. A Migalha também. Estava morna, como uma pedra ao sol.

Flora girou a manivela para parar a chuva. Depois pegou uma caneta.
Finalmente ia assinar.
Júlia deteve a caneta com dois dedos.
— Ainda não. Falta a oitava.

Olhou as sete lamparinas.
— Eu abri o frasco antes da hora. Temos que achar ela.
Depois foi até a cozinha, descolou a etiqueta da caixa e a guardou no bolso da jardineira.



Se vai entregar, entrega inteiro. —].

Voltamos para a cozinha.

— O quintal continua fechado — disse Flora. — Ainda não vamos sair.

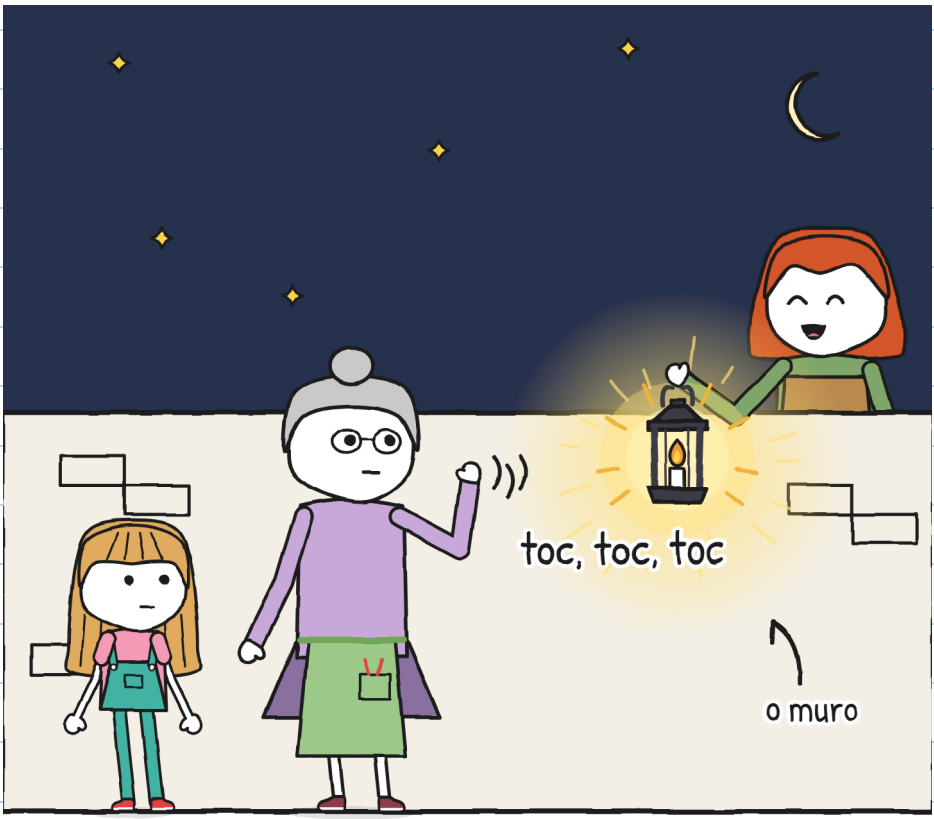
Esperamos até a Júlia ficar sem relâmpagos para contar, e depois mais meia hora, desde o último trovão. Já não chovia: a tempestade tinha ido embora.



E a oitava estava lá fora, no escuro, em algum lugar. Sem terra a tempo, estaria dormindo de novo: mais uma pedra. E, sem assinatura, ao amanhecer o nº 2 voltaria para a estante.

— Vamos procurar a oitava — disse Júlia.

Flora olhou a noite e deu três batidas no muro, que é a parede da Casa dos Dragões, como a Vera disse.



— Desta vez — disse — vocês não vão sozinhos.

CAPÍTULO 6

A oitava

Saímos com a Flora e a Vera, um lampião e uma bicicleta. Júlia levava o frasco vazio e a etiqueta; eu, a Migalha dentro da capa de chuva, com a cabeça de fora.

Procuramos no quintal, no caminhozinho e na beira do canal.

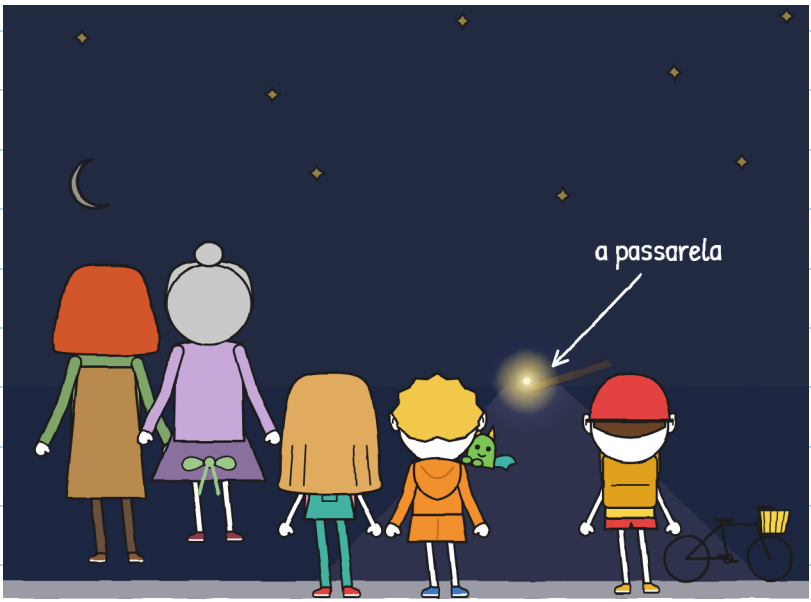


Nada.

Se a oitava tinha dormido, podia ser qualquer uma daquelas pedras.

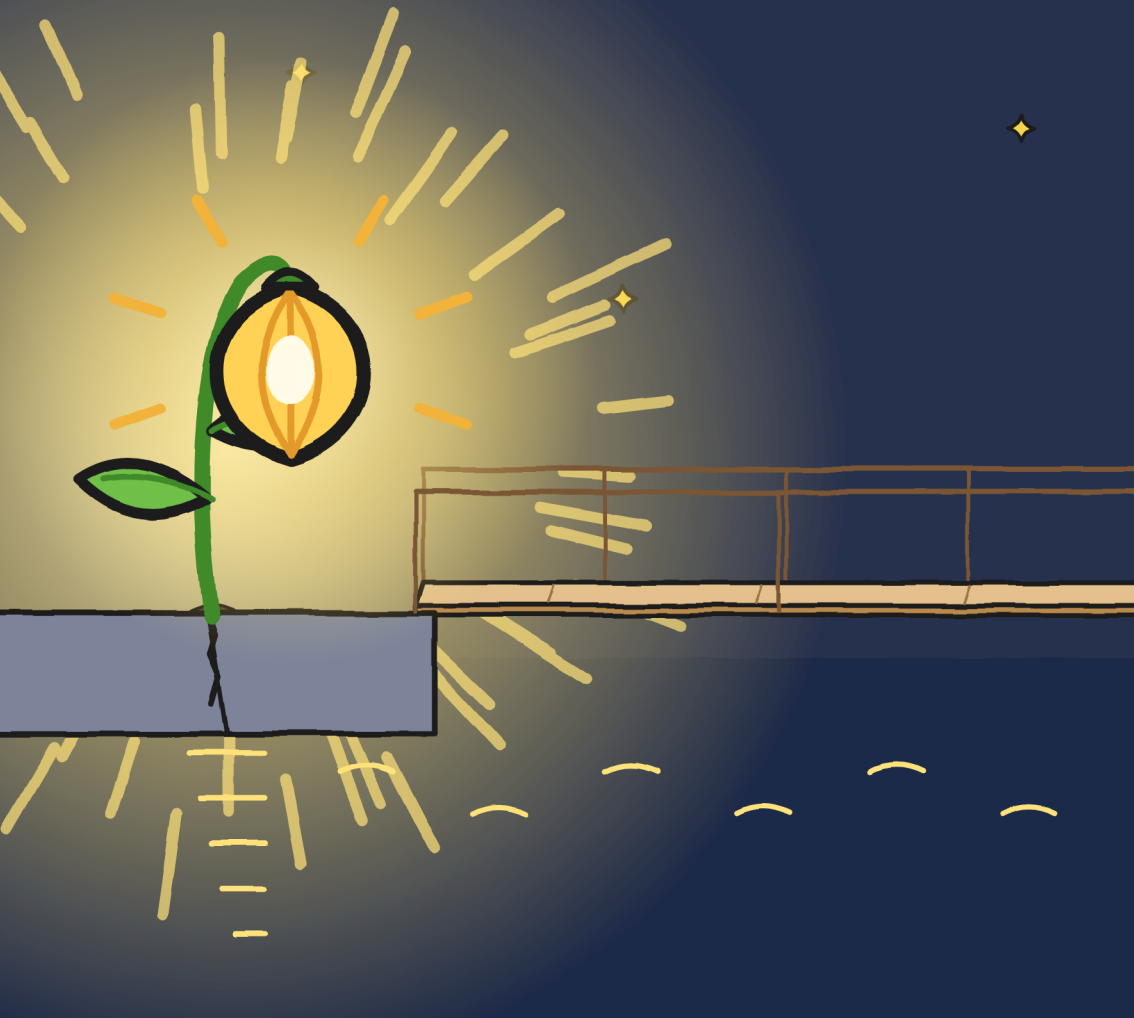
O lampião fazia as pedras molhadas brilharem.
Então pensei: uma lamparina recém-brotada brilharia pouco, e nossas luzes podiam estar escondendo ela.
— Esperem. Apaguem tudo.

Toninho parou a bicicleta, Vera baixou a chama e Flora apagou a lanterna.



Ficamos parados.
No fim do calçadão apareceu uma luzinha. Estava ao pé da passarela.

Acho que a chuva levou a oitava pelo caminhozinho até o calçadão, e que ela ficou numa fresta entre duas pedras, com um dedo de terra molhada, bem onde começa a passarela. Ali ela se plantou sozinha. De longe, uma luzinha. De perto, iluminava tudo.



Júlia olhou a passarela por muito tempo: com luz parecia outra, mais curta, mais larga, mais de madeira do que de água.

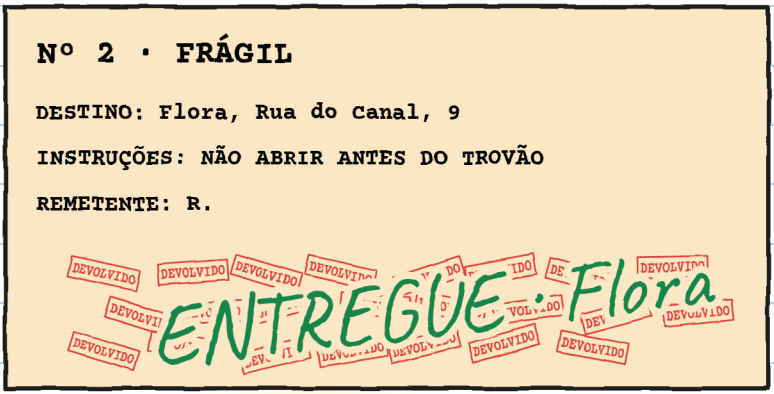
Ela pôs um pé na passarela. Só um. Depois o tirou.

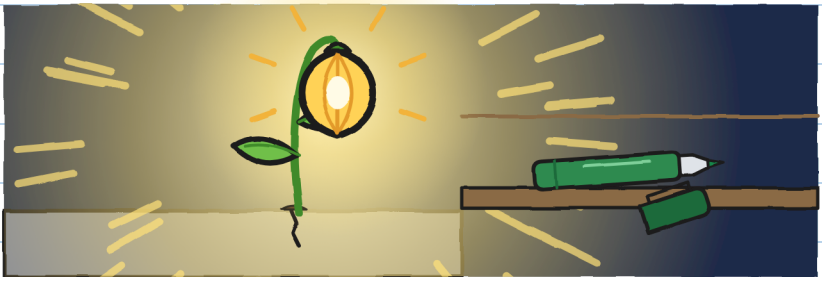


De longe, já não me dá medo. De perto, quase também não. –].

— Essa fica aqui — disse Flora. — Escolheu o lugar.

Júlia deu para ela a etiqueta e a canetinha verde, a da tinta que não apaga. Flora assinou à luz da oitava e devolveu a canetinha.



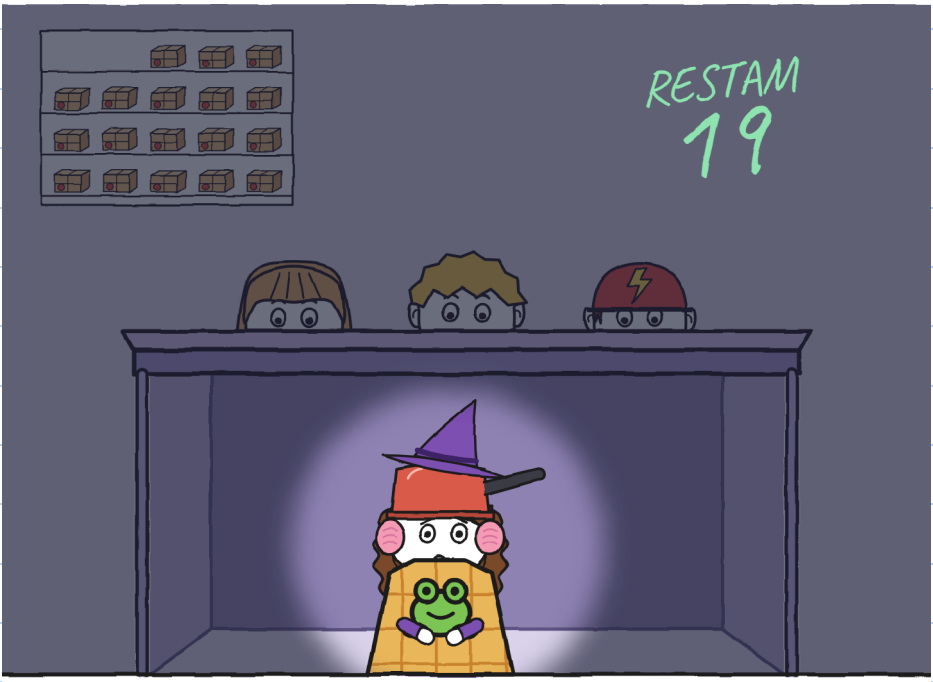


Ao nos despedirmos, Flora me deu o escorredor:
— Fica com ele, para a próxima tempestade. E diz à Mara que já era hora.

Vera deixou a Migalha no ninho e nos levou na van, com a bicicleta atrás, pela ponte da estrada: de noite, a Ponte Grande levanta para os barcos. Ela nos deixou na porta da loja e voltou para os dragões dela.

A loja estava no escuro. Mara não estava no balcão.

Estava embaixo.



— Já passou? — perguntou Mara.
— Faz um bom tempo — disse Júlia.

Mara tinha manta, abafadores e panela de capacete.

Vinte e três entregas. Nenhuma com tempestade.
Agora eu entendia.
Dei o recado da Flora, e a Mara baixou a panela até as sobrancelhas.

— Eu também tenho medo de trovão — eu disse.
Mara levantou a manta.



Entrei com ela debaixo do balcão. Nos encaixamos.

Mara pôs uma caixa de cabeça para baixo, junto aos banquinhos, para o Toninho.
— Seu lugar. Por enquanto — disse.

Toninho sentou e, com a canetinha da Júlia, acrescentou duas palavras à letra miúda: "e gatos".



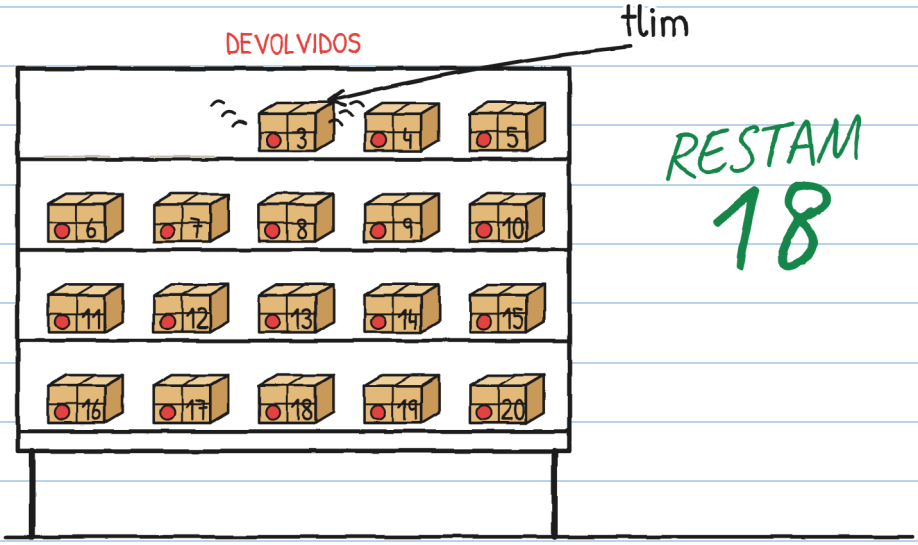
Agora a letra miúda diz a verdade. —].

Meu plano para os trovões, consertado:

1. Contar elefantes.
2. Com alguém.
3. Se eu fizer hic, tudo bem.



E não dizer que você é caçador de nada. –J.

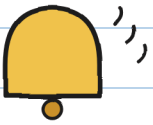


Naquela noite, antes de irmos, um devolvido tocou: tlim, como um sininho. O nº 3.

Na etiqueta estava escrito:

Nº 3

PARA TONINHOZINHO

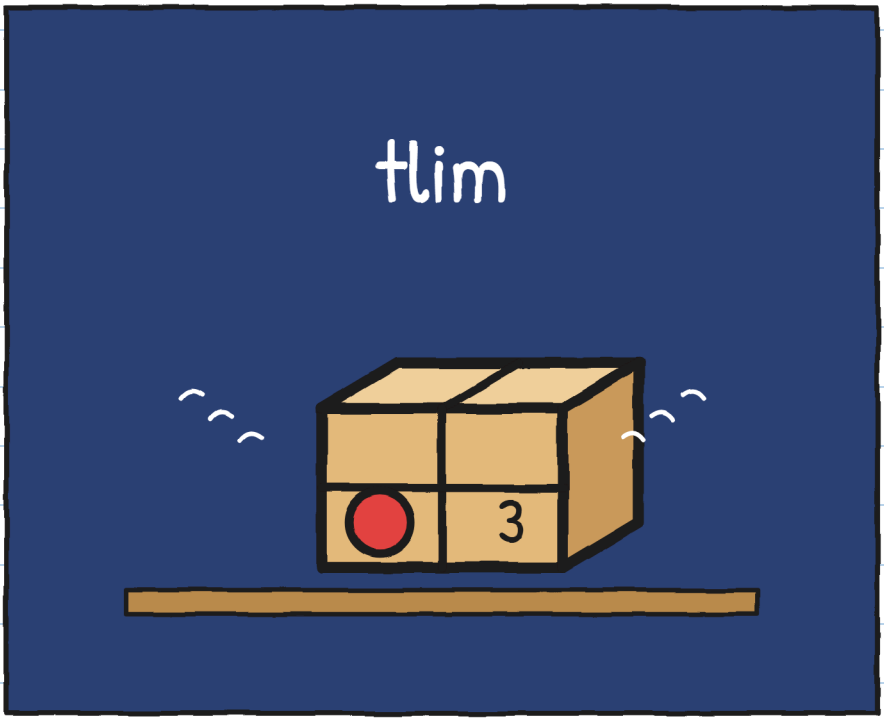


Toninho ficou da cor do capacete dele.



ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 3

(em breve)



Quem manda pacotes para o Toninho? –J.

O BAIRRO (versão 2)



Tenho uma ficha de R. As duas primeiras pistas são do caderno 1. Anotei as novas:

O QUE SABEMOS DE R.



R.

1. Tem uma letra horrível (Mara).
2. Vera ficou branca ao ler a inicial de R.
3. Plantava lamparinas com a Flora, faz tempo.
4. Cumpre tarde, mas cumpre.
5. Fez os vidros encantados da Flora.

6. Ninguém diz o nome de R. Isso também é uma pista. –].

E você? Quem você acha que é R.?

Eu acho que R. é...

UMA HISTÓRIA, SEIS TAMANHOS

Tem seis tamanhos, dos 3 aos 16 anos, e mais de 20 línguas. XXS, XS, S, M e L têm as mesmas páginas e os mesmos desenhos. O XL é um romance. Só muda o jeito de contar.

TAMANHO XXS · PRÉ-A1
JÚLIA PEGA A SEMENTE NÚMERO SETE.

TAMANHO XS · A1
Sobrou uma semente no chão. Júlia a pegou. Sete.

TAMANHO S · A2
Outro relâmpago: no chão restava só uma semente. Júlia a pegou. Sete.

TAMANHO M · B1
No relâmpago seguinte, só restava uma semente, e Júlia a pegou. Sete.

TAMANHO L · B2
Quando relampejou outra vez, restava no chão uma única semente, e Júlia a pegou. Sete.

TAMANHO XL · B2-C1
Romance ilustrado · 13+

Níveis do QECR indicativos, para quem aprende português.

Cada um no seu tamanho. Mesmo temporal. —J.

PARA FAMÍLIAS E PROFESSORES

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

TEMPESTADE DE VERDADE: O QUE FAZER

1. Se ouvir um trovão, mesmo longe, entre em casa: o raio já pode chegar até você.
2. Dentro de casa, com um adulto, longe de janelas, portas e vidros. Nada de estufas, pontes, árvores nem água.
3. Não saia até meia hora depois do último trovão.
4. Contar elefantes serve para saber se um raio caiu perto ou longe, e para se acalmar. Não serve para saber quando sair.

CONTE A SUA TEMPESTADE

De dentro de casa: conte elefantes entre o relâmpago e o trovão.

Relâmpago	Elefantes	Quilômetros (1 a cada 3, aprox.)	Esse raio, mais perto ou mais longe?
1	15	5	–
2	9	3	mais perto